



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JIMY HERISON GUILHERME DE CARVALHO

O FENÔMENO DO “DESINTERESSE” DENTRE ESTUDANTES DA CLASSE
BAIXA

SANTARÉM - PA

2023

JIMY HERISON GUILHERME DE CARVALHO

**O FENÔMENO DO “DESINTERESSE” DENTRE ESTUDANTES DA CLASSE
BAIXA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Geografia pelo Instituto de Ciências da Educação – ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Alice Ferreira Rodrigues Dias

SANTARÉM – PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- C331f Carvalho, Jimmy Herison Guilherme de
 O fenômeno do “desinteresse” dentre estudantes da classe baixa./ Jimmy Herison
 Guilherme de Carvalho. – Santarém, 2023.
 43 p.: il.
 Inclui bibliografias.
- Orientadora: Alice Ferreira Rodrigues Dias.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
 Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Ciências Humanas, Licenciatura
 em Geografia.
1. Desinteresse. 2. Opressão. 3. Meritocracia. I. Dias, Alice Ferreira Rodrigues,
 orient. II. Título.

CDD: 23 ed. 370.15

JIMY HERISON GUILHERME DE CARVALHO

**O FENÔMENO DO “DESINTERESSE” DENTRE ESTUDANTES DA CLASSE
BAIXA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Geografia pelo Instituto de Ciências da Educação – ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Alice Ferreira Rodrigues Dias.

Conceito: _____

Aprovado em: () de () de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dr. ^a Alice Ferreira Rodrigues Dias (Orientadora)
UFOPA/Santarém

Prof. ^a Dr. ^a Maria Betanha Cardoso Barbosa
UFOPA/Santarém

Prof. ^a Dr. ^a Maria Raimunda Santos da Costa
UFOPA/Santarém

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos pais que em meio a tantas dificuldades me deram uma boa educação e sempre me incentivaram aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu força e discernimento para chegar até o fim desse percurso. Em segundo lugar aos meus pais, Vanuza de Andrade e Valter Furtado, que me proporcionaram muito amor e incentivo aos estudos e, mesmo não tendo muitas condições financeiras, fizeram o possível para que eu pudesse chegar onde estou.

Agradeço também ao meu namorado, Fredson Imbiapino, pela paciência em momentos de ansiedade nos quais me aconselhou a não desistir. Além do mais, se responsabilizou pelos serviços domésticos em casa para que eu pudesse me concentrar somente à produção do meu TCC, e me ajudou nos trabalhos acadêmicos em algumas disciplinas.

Quero agradecer a minha orientadora Dr. Alice Dias que foi muito atenciosa e competente. Além disso, a sua simplicidade e percepção sobre o mundo aumentaram ainda mais a minha vontade de seguir a carreira docente. Neste percurso, a mesma foi para mim mais que uma professora, foi uma segunda mãe.

Agradeço também às professoras, Maria Betanha e Maria Raimunda, que aceitaram compor minha banca.

À minha tia, Nereide Guilherme, que me presenteava com livros na infância como forma de incentivo, e aos tios Wverlan, Maria Gorete, Vera Lúcia que também acreditaram em mim.

A minha patroa, Elinny Sá, que sempre foi muito compreensiva quando precisei faltar no trabalho ou sair no horário de expediente para assistir as aulas, sem descontar do meu salário, diferente da maioria dos empregadores no mercado de trabalho que apenas exploram seus funcionários.

Aos meus colegas de turma que encararam comigo esse percurso acadêmico, especialmente, Maiara Damasceno e o Cristian Rogério, que são meus colegas mais próximos. Também aos colegas orientandos da professora Alice: José Paulo, Marlen, Regilene, Flávia, Pedro e Tatiane.

Ao Eliseu e sua família que, apesar de não termos mais contato atualmente, sou eternamente grato por ter me acolhido em sua casa, em Santarém, o que me permitiu assumir minha vaga na universidade.

À Dalila, pelo companheirismo no período em que moramos juntos. Apesar de não termos mais o convívio de antes continuo tendo o mesmo carinho, pois a mesma me ajudou em momentos muito difíceis onde estive desempregado e desmotivado.

Agradeço as políticas públicas e as pessoas que lutaram por elas, pois sem elas nada disso seria possível, na medida em que me permitiram ter acesso à universidade de forma gratuita e com o auxílio da bolsa permanência. Além disso, a UFOPA me proporcionou experiências valiosas dentro dos projetos de pesquisa, ensino e extensão como, por exemplo, o PIBID, no qual pude experimentar previamente a prática docente.

E, por fim, a mim, por nunca desistir do meu sonho de concluir o ensino superior diante de todos os obstáculos, sendo capaz de conciliar a faculdade e o trabalho.

RESUMO

Os estudantes de classe baixa, maioria numérica constituída por minorias étnicas (minorias políticas), enfrentam grandes desafios em seu processo de formação, visto que são estes as vítimas da opressão manifestada através da exclusão e humilhação social. A divisão das classes sociais reforça a ideia da existência de grupos humanos superiores e inferiores baseada na separação entre corpo e mente. Tudo é cuidadosamente pensado pelas classes dominantes para fazer com que o pobre acredite que é inferior através da destruição da autoestima. Esse processo irá influenciar diretamente na vida dos estudantes, sobretudo em suas expectativas em relação ao futuro. Diante disso, este trabalho busca compreender o fenômeno do desinteresse, visto que é uma realidade dentre estudantes das escolas públicas brasileiras. Sendo este um problema mais social do que individual, abordaremos neste percurso questões como a opressão social e a meritocracia. Além disso, adotaremos o método autoetnográfico como melhor alternativa para discutir questões relacionadas à classe baixa, pois me permite complementar a discussão com exemplos práticos, com base na minha experiência pessoal, enquanto indivíduo preto da classe baixa.

Palavras-chave: Desinteresse. Opressão. Meritocracia. Autoetnografia.

ABSTRACT

Lower-class students, most of whom are black, face major challenges in their training process, as they are the victims of oppression manifested through exclusion and social humiliation. The division of social classes reinforces the idea of the existence of superior and inferior human groups based on the separation between body and mind. Everything is carefully thought out by the dominant classes to make the poor believe they are inferior through the destruction of self-esteem. This process will directly influence the lives of students, especially their expectations for the future. Therefore, this work seeks to understand the phenomenon of disinterest, since it is a reality among students of Brazilian public schools. Since this is a more social problem than an individual one, we will address issues such as social oppression and meritocracy. In addition, we will adopt the autoethnographic method as the best alternative to discuss issues related to the lower class, as it allows me to complement the discussion with practical examples, based on my personal experience, as a black individual, belonging to the lower class.

Keywords: Disinterest. Oppression. Meritocracy. Autoethnography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DESINTERESSE OU AUSÊNCIA DE VISÃO PROSPECTIVA?	14
2. O MÉTODO AUTOETNOGRÁFICO	20
3. A TRAJETÓRIA DE VIDA DO QUARTO FILHO DE UMA FAMÍLIA DE CLASSE BAIXA DO INTERIOR DO PARÁ	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
APÊNDICE	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva compreender a existência do fenômeno do “desinteresse” dentre estudantes de escola pública, especialmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A ideia de investigação voltada ao fenômeno do desinteresse parte de uma experiência obtida através da disciplina de Estágio Docente, onde pude experimentar a realidade escolar, agora, de outro ângulo (professor estagiário), tanto no período diurno, quanto no noturno, o que é bastante incomum, pois a maioria dos professores estagiários geralmente frequentam pela manhã ou pela tarde. No entanto, devido a minha necessidade pessoal de ter que trabalhar no período diurno, tive que concluir o estágio à noite. Isso me proporcionou uma visão muito mais ampla do ambiente escolar, principalmente no que tange ao período noturno, onde pude identificar algumas problemáticas. Os mesmos precisam de uma atenção a mais, não que sejam mais ou menos importantes que os alunos dos outros turnos, mas esses sujeitos demandam outras necessidades no seu desenvolvimento intelectual, porque nesse contexto eles não estão motivados e não tem tanto tempo em sala de aula quanto os alunos do diurno.

Ao chegar na escola me deparei com uma atmosfera totalmente diferente, haja vista que os alunos da noite possuem outros perfis. Geralmente coabitam sujeitos com faixa etária variadas, com realidades distintas, dentre estes estão: pais ou mães de famílias que trabalham durante o dia em jornadas de trabalho longas e exaustivas, e, por isso, chegam na escola muito cansados; jovens, que também pela necessidade precisam conciliar trabalho e escola simultaneamente; também há aqueles que por conta do histórico de reprovações já abandonaram a escola e estão tentando retornar; idosos que ainda tem o sonho de concluir o segundo grau, dentre muitos outros casos.

Observei que os estudantes mais jovens se comunicavam através de gírias e palavrões e, dificilmente permaneciam em sala de aula por muito tempo, pois preferiam ficar passeando pelos corredores. Diante da situação, os alunos mais velhos, como sujeitos que vivenciam o trabalho braçal, a baixa remuneração e o desemprego, alertavam os mais novos sobre o tempo que estavam desperdiçando ao não ter comprometimento com os estudos. Naquele contexto a metodologia utilizada pelo professor não era suficiente para prender a atenção deles, e isso me motivou a buscar outras formas de trabalhar os conteúdos com aquele público específico.

No que tange ao estágio, o mesmo propõe que o professor estagiário desenvolva, além da observação, uma aula sobre um tema escolhido pelo professor. Nesse processo o estagiário tem autonomia para preparar a aula ao seu modo, optando pela metodologia e as ferramentas que desejar. No entanto, no período noturno o tempo das aulas é reduzido e o professor deve

ter bastante cautela ao preparar sua regência, dada a diversidade intensa na configuração das turmas (jovens, idosos, etc.), o cansaço próprio do aluno trabalhador e a mencionada carga horária reduzida.

Em minha experiência de estágio, na etapa da regência, preparei uma aula mais dinâmica voltada para o tema “Revolução Industrial”. Para tal, confeccionei um tabuleiro gigante, trouxe balões e chocolates como brindes, pois isso poderia chamar a atenção deles, por ser algo incomum, visto que cotidianamente eles somente copiavam do quadro, faziam atividades no caderno e provas. O intuito da aula era fazer com que os alunos aprendessem de forma dinâmica, desviando do método tradicional de ensino, que ainda é muito utilizado, e à noite, mais do que em qualquer turno, é insuficiente para promover um ensino completo e emancipador, não limitado em mera memorização de conteúdo. No método tradicional “[...] a aprendizagem, assim, é receptiva e mecânica para o que se recorre frequentemente à coação. A retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria[...]” (LUKESI, 1994, p. 57). Meu intuito, no entanto, não era fazer uma crítica frontal ao método tradicional, tendo em vista que algumas dimensões deste podem ser construtivas no desenvolvimento do aluno.

A metodologia escolhida causou um estranhamento muito grande nos alunos, pois me viram chegar com alguns objetos. Algumas meninas apresentaram um certo entusiasmo com a ideia da aula, mas os meninos, principalmente os do fundo, usavam tom de deboche, fazendo piadas, apresentando um certo tipo de ciúmes, pois estava ali como um “invasor” no território deles. Além disso o professor se atrasou, pois esqueceu que a minha aula seria no dia em questão e, por isso, a aula teve de ser cancelada. No momento do anúncio do cancelamento da aula a turma comemorou e alguns comentários vieram lá do fundo: “Graças a Deus!”, “ainda bem que não vai ter essa aula”. Aquilo me causou uma frustração muito grande, e uma sensação de incapacidade. Ao ouvir aquelas palavras, nem sequer tive a reação de respondê-los. Posteriormente, contei a professora da disciplina o que havia acontecido e ela me deu vários conselhos com base em sua experiência na EJA. Através desse diálogo percebi que os ataques gratuitos não tinham nada a ver comigo, mas sim com quem os fazia, pois aqueles alunos não me conheciam. Talvez eu representasse uma ameaça por ser um *outsider* naquele ambiente, isto é, um desconhecido que tinha quase a mesma idade e estava numa posição superior, pelo menos naquele momento, na condição de professor.

Episódios como este mencionado ocorrem com frequência, haja vista que a maior parte dos alunos tendem a demonstrar impaciência e má vontade com o cotidiano escolar, resistindo

até mesmo a propostas interativas. Nesse sentido, o professor também se sente desmotivado, chegando a reproduzir a ideia de que os alunos são “desinteressados”. Mas será que isso seria meramente “desinteresse”? A responsabilidade é somente do indivíduo ou existem fatores sociais que explicam o fenômeno do desinteresse?

Ao longo deste trabalho apresentarei alguns elementos que orbitam o fenômeno do desinteresse. Dessa forma, o trabalho está dividido em três etapas: A primeira parte tem como base principal o sociólogo Jessé Souza e descreve como se manifestam os principais agentes responsáveis pela existência do desinteresse dentre estudantes de classe baixa. Nesse sentido, serão abordadas a questão da opressão social, da autoestima e a meritocracia. A segunda parte explica o que é o método autoetnográfico e qual sua importância para as pesquisas no campo das ciências sociais. A última etapa é uma narrativa da minha trajetória, na qual menciono as contribuições das políticas públicas na minha vida, enquanto jovem negro de classe baixa.

1. DESINTERESSE OU AUSÊNCIA DE VISÃO PROSPECTIVA?

Em sala de aula trabalha-se com alunos dos mais variados perfis, é uma multiplicidade de personalidades, vivências e comportamentos. Nas interações muitos formam seus ciclos de amizade, pois tem uma ou outra coisa em comum, mas absolutamente ninguém é igual. Em sala de aula, há aqueles que são mais interativos, que participam das aulas e tiram boas notas, há outros que são muito agitados, que passeiam durante a aula, que tem conversas paralelas, e, por fim, os que são mais retraídos, que ficam calados, sonolentos ou faltam com muita frequência. Os dois últimos perfis mencionados geralmente são denominados “baderneiros”, “preguiçosos”, “delinquentes” ou “desinteressados”.

Diversos fatores levam os alunos a terem determinados tipos de comportamento em sala de aula, bem como não reconhecer que a educação é o pilar principal para a sua cidadania, que o levará a desenvolver o pensamento crítico acerca da realidade e da sua própria existência. A educação também é determinante no mundo do trabalho, pois promove a ascensão do sujeito na sociedade através da sua emancipação política e trabalho qualificado, pois quanto maior o grau de escolaridade, maior a potência para a ação social. Portanto, não falamos somente do quesito econômico, mas também no grau de importância do indivíduo na tomada de decisões e participação nas escolhas.

O “desinteresse”, de antemão, não é um fenômeno puramente individual que decorre da falta de vontade do aluno por supostamente “não quer nada com a vida” ou “não pensar no futuro”, segundo crenças difundidas socialmente, mas principalmente social, o que o torna muito mais complexo. Para entendê-lo, alguns fatores precisam ser levados em consideração, como: cor, raça, gênero, origem espacial-cultural e classe social. De acordo com Souza (2021) existe uma classe social denominada como “ralé brasileira”, uma faixa da sociedade que é cotidianamente humilhada, excluída e exposta a todos tipos de violência, seja física ou simbólica. Ele utiliza a palavra “ralé” não no sentido negativo, mas como forma de provocação à classe média que vê o pobre como inferior e realmente faz uso desse termo para se referir a ele. É na ralé que Souza aponta a impossibilidade da visão prospectiva, sendo esta “[...] a capacidade de renunciar ao presente em benefício de um bem futuro[...] que literalmente cria o futuro como dimensão incorporada e automática da personalidade” (SOUZA, 2021, p. 19).

O filho do pobre divide prematuramente as responsabilidades com os seus pais e são muitas as barreiras que o distancia do compromisso com a sua formação. Em primeiro lugar,

é importante ressaltar que a classe pobre é desfavorecida em todos os aspectos, pois se concentra nos bairros mais marginalizados, utiliza o transporte público precário para a locomoção, os filhos trabalham muito cedo para complementar a renda familiar, pois o que os pais ganham não é suficiente para o subsídio, mesmo percorrendo longas jornadas de trabalho¹, dentre outras várias situações. Em segundo lugar, a condição social da classe baixa impede o investimento no futuro, na medida que nem o presente está garantido. Por esses motivos a competição entre o filho da classe baixa e o filho da classe média é fictícia, uma vez que o filho da classe média é dotado de privilégios, sobretudo porque os pais compram seu tempo livre para que o mesmo apenas estude. Nesse sentido, entende-se que

[...] toda família de classe média transmite uma série de aptidões às novas gerações. O hábito da leitura é criado a partir do exemplo dos pais, que faz a criança, que ama os pais, amar a leitura mais tarde. O gosto pelas línguas estrangeiras vem do exemplo do tio, admirado na família por falar alemão ou inglês sem sotaque. A capacidade de imaginação é despertada desde muito cedo pelas histórias cheias de fantasia em belos livros com imagens. E assim desenvolve-se também a disciplina amorosa do equilíbrio entre brincar e aprender, que irá cultivar a capacidade de renunciar ao presente em benefício de um bem futuro[...] (SOUZA, 2021, p. 19).

Esses privilégios de classe, que direcionam os filhos ao desenvolvimento da visão prospectiva são reproduzidos em particular em casa. O filho da classe média é programado desde cedo para pensar no seu futuro, porque ele dispõe de todo o tempo necessário para se dedicar a isto, pois ele não precisa, por exemplo, cumprir obrigações domésticas ou ter que acompanhar o pai no trabalho braçal. Além disso, ele mora em um ambiente tranquilo e silencioso e possui recursos que irão lhe proporcionar todo o suporte e aprimorar suas aptidões, como: acesso à internet, computador, celulares de última geração, biblioteca, dentre outros. Apesar de ter acesso a todas essas ferramentas que poderiam levá-lo à distração, ele é bastante disciplinado e mantém o foco nos estudos porque tem consciência que isso será positivo para ele futuramente. Quando ele desvia dessa conduta por dificuldades na aprendizagem ou *déficit* de atenção, tem uma equipe de profissionais para lhe ajudar, como fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos, etc. O pobre, por outro lado, não possui esse suporte e não é preparado desde cedo para renunciar às coisas que o distraem no presente para investir seu tempo em práticas de cunho intelectual, como, por exemplo, a leitura que o ajudaria desenvolver o pensamento abstrato (Souza, 2021).

¹ A mãe, numa sociedade machista, assume múltiplas funções, pois além de trabalhar fora, ela precisa se desdobrar para cuidar da manutenção da casa, dos filhos e do marido.

O discurso da meritocracia esconde o fato de o filho da classe média herdar os privilégios de sua classe, pois os mesmos são transmitidos de forma invisível, no âmbito do espaço privado, por exemplo, quando a mãe lê histórias para o filho, estimulando sua imaginação. Dessa forma, a meritocracia é uma falácia, pois se baseia na ideia falsa de que todos os indivíduos partem do mesmo ponto ou que tiveram o mesmo acesso aos equipamentos culturais. Nesse sentido, é um grande erro achar que o único critério para divisão de classes é o fator econômico, pois o fator cultural também é relevante na medida em que a classe média transmite o privilégio educacional através da socialização familiar, sendo, portanto, um elemento invisível e que desmente a farsa de que temos as mesmas oportunidades. Dessa forma,

[...] Aqui será, antes de tudo, a família de classe média – a classe média real, baseada na reprodução do privilégio educacional – que vai criar e implementar de modo invisível, e por isso mesmo extremamente eficiente, a farsa da meritocracia pela incorporação privilegiada e tornada invisível de capital cultural. É que o sucesso escolar, ou seja, a chave de todo sucesso social, que será expresso em renda diferencial anos mais tarde, tem pressupostos emocionais e afetivos que são construídos desde o berço no horizonte familiar de cada classe social [...] (SOUZA, 2021, p. 18).

A reprodução de classe social também pode ser percebida nas escolas e isso causa um efeito irreparável na vida de crianças e adolescentes. Nesse caso, esta ocorre quando alguns professores, por exemplo, reproduzem a ideia de que eles não precisam fazer um bom trabalho nas escolas públicas, trazendo boas leituras, promovendo debates etc., porque aquelas pessoas estão condenadas a permanecerem em trabalhos braçais, de baixa remuneração, ou seja, reproduzindo sua classe social (classe baixa). Dessa forma, enquanto ao pobre é destinada uma educação inferior e menos qualificada, pois ele vai continuar pobre, para a classe média é reservada a melhor educação. Há de se considerar também os baixos salários dos profissionais da educação e a precária infraestrutura nas escolas voltadas para a classe baixa.

A discussão sobre o fenômeno do “desinteresse” também está relacionada à opressão social, originada da separação corpo e mente, de onde decorre todos os tipos de racismo, inclusive o racismo de classe, uma vez que segrega grande parcela da sociedade e a coloca em situação de subserviência em função de uma minoria que controla. Esse controle não diz respeito somente ao monopólio dos meios de produção, mas também da moralidade. A moralidade está relacionada “[...] as *concepções de justiça* inarticuladas e pré-reflexivas que existem em qualquer contexto social e motivam, em última instância, a totalidade do nosso comportamento social e político[...].” (SOUZA, 2021, p. 49-50). Nas relações de poder as minorias historicamente segregadas: pretos, pobres, indígenas, LGBTQIAP+, mulheres etc., são vítimas da opressão e humilhação social. Ela é poderosa a ponto de fazer com que os

oprimidos acreditem que são inferiores, feios e menos capazes, pois se articula cuidadosamente para destruir a sua autoestima. Nesse sentido,

Como a necessidade moral precisa ser articulada e refletida para se tornar um móvel consciente do nosso comportamento, todas as forças sociais responsáveis pela opressão e a exploração vão procurar impedir a articulação das demandas morais que existem em semente em toda sociedade. É esse tipo de reflexão, afinal, que permite o processo de aprendizado moral que transforma a raiva, ou seja, a sensação confusa de se sentir agredido moralmente, em indignação, ou seja, que articula o mero sentimento em uma ideia refletida de injustiça (SOUZA, 2021, p. 53-54).

Uma vez destruída a autoestima ocorre também a perda da autoconfiança. Esse processo fragiliza a classe pobre em todos os aspectos, uma vez que a mesma é manipulada para servir as classes superiores e odiar a si mesma, tornando-se realmente incapaz, resultado de um processo que vêm desde a casa (Chauí, 2017) até mundo do trabalho. A crença na própria inferioridade leva os pais de famílias de classe baixa a educar seus filhos por meio de ditados amplamente utilizados em uma sociedade desigual e autoritária como a nossa, tais como: “cada macaco no seu galho”; “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, dentre outras. A baixa autoestima gera a insegurança e o silenciamento das camadas mais pobres. Perde-se o orgulho pelas características que constroem a própria identidade como: a cor da pele, o cabelo, a sexualidade, a cultura, etc., pois cotidianamente a sociedade demonstra que pretos, pobres, homossexuais, indígenas, mulheres, entre outros, são inferiores e por isso merecem o abandono e a humilhação. A violência com a classe pobre ocorre de forma tão natural que nem é percebida, pois

[...] está de tal modo interiorizada nos corações e nas mentes que a desigualdade salarial entre homens e mulheres, entre brancos e negros, a exploração do trabalho infantil e dos idosos são consideradas normais [...] A existência dos sem-terra, dos sem-teto, dos desempregados é atribuída à ignorância, à preguiça e à incompetência dos "miseráveis". O extermínio de nações indígenas é visto como necessário para o progresso da civilização [...] (CHAUÍ, 2017, p.48)

De acordo com Souza (2021) a sociedade revela propositalmente uma parte muito pequena dos problemas sociais, para evitar o aprofundamento e a reflexão acerca do mesmo, com o objetivo de manter o controle das classes dominantes sobre a “ralé brasileira”, invisibilizando toda opressão e humilhação social que sofrem, e garantindo a reprodução dos privilégios. Não há comoção, por exemplo, quando as estatísticas apontam que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo. Um crime de “colarinho branco” não gera a mesma indignação gerada quando uma pessoa rouba um pedaço de carne para levar à família que está

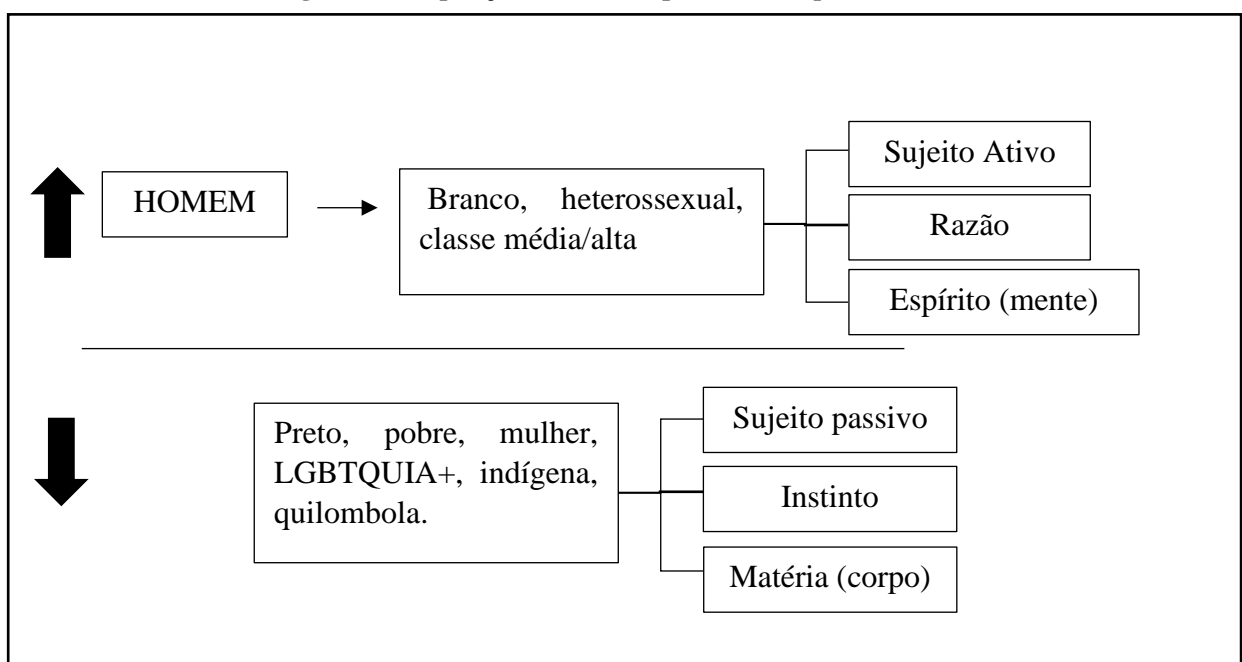
passando fome, pois “[...] a ideia passada para a população de que os criminosos, seja qual for o crime cometido, são os pobres e, em segundo lugar, que os criminosos não são gente [...]” (CHAUÍ, 2017, p. 172).

A distinção de classe inicia com a separação do corpo e da mente. Dessa forma, o pensamento vem sendo colonizado de modo que a sociedade é moldada para acreditar que o homem (eurocêntrico) representa a razão. A razão é associada a capacidade de planejamento e tomada de decisão. Por outro lado, o preto, o pobre, a mulher, os LGBTQIA+ e os povos indígenas são associados à bestialidade e ao instinto. O instinto, por sua vez, é associado aos atos impulsivos que ocorrem de maneira inconsciente, ou seja, sem nenhuma reflexão. Dessa forma,

O que torna a ideologia possível, isto é, a suposição de que as ideias existem em si e por si mesmas desde toda a eternidade, é a separação entre trabalho material e trabalho intelectual, ou seja, a separação entre trabalhadores e pensadores. Portanto, enquanto esses dois trabalhos estiverem separados, enquanto o trabalhador for aquele que "não pensa" ou que "não sabe pensar", e o pensador for aquele que não trabalha, a ideologia não perderá sua existência nem sua função. (CHAUÍ, 2008, p. 79)

Nesse sentido, o homem branco, heterossexual, de classe média ou alta, visto constantemente nos veículos de comunicação, nas revistas e *outdoors*, é estruturalmente colocado numa posição de superioridade. O restante da sociedade hierarquiza-se de acordo com a proximidade ao padrão estabelecido.

Figura 1 – A oposição mente e corpo e a hierarquia associada



Fonte: Autoria própria.

O esquema acima (Figura 1) divide de maneira simplificada a sociedade, levando em consideração cor, raça, gênero e classe social. Nota-se que o homem assume o protagonismo nas relações de poder. Apenas pelo fato de ser branco ele é privilegiado em muitos aspectos. Nesse sentido, “[...] Os brancos e os homens são universais e possuem lugar de fala respeitado e tido como única visão possível. As mulheres e os negros são condenados a ter um lugar de fala subordinado e, portanto, a expressão de sua experiência social silenciada.” (SOUZA, 2021, p. 22). Dessa forma, quanto mais distante do padrão homem, heterossexual, branco de classe média/alta, menores são os privilégios. Essa separação de corpo e espírito demarca, portanto, a opressão e a exclusão de toda a classe baixa.

Entretanto, apesar da classe baixa experienciar os piores cenários possíveis dentro de uma sociedade opressora e desigual que silencia todo seu sofrimento, existem as políticas públicas que contribuem para o rompimento desse ciclo, concedendo ao pobre oportunidades de acesso a serviços que anteriormente eram privilégio exclusivo da classe média. Por exemplo, a descentralização das universidades públicas dos grandes centros urbanos para cidades menores com a distribuição de bolsas de permanência², projetos de ensino/pesquisa/extensão, além da implementação das cotas raciais e socioeconômicas e os processos seletivos especiais para pessoas com deficiência (PCD), indígenas e quilombolas são um grande avanço nesse processo de inclusão de uma classe tão historicamente desfavorecida. É através das políticas públicas que o pobre tem a chance de se qualificar e ter melhores oportunidades no mercado competitivo podendo ascender socialmente.

O número significativo de pobres ingressando nas universidades, graças às mencionadas políticas públicas, deve ser visto como um estímulo aos estudantes da educação básica, principalmente aos “desinteressados”. Contudo, somente as políticas públicas não são suficientes para que os estudantes percebam a educação como o melhor caminho para sua emancipação social, também é necessária a participação mais ativa dos professores no sentido da consciência de classe, ou seja, levando um ensino de qualidade para as escolas públicas.

No próximo capítulo discutiremos sobre o método da autoetnografia, pois este trabalho também diz respeito a minha trajetória, enquanto indivíduo negro pertencente à classe baixa. Dessa forma, somente a autoetnografia me permitiria trazer à tona minha própria experiência de vida de modo a complementar as questões teóricas até então discutidas.

² O programa de Bolsa Permanência instituído em 2013 tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica das instituições federais de ensino superior (<http://sisbp.mec.gov.br>. Acesso em 18 de junho de 2023).

2. O MÉTODO AUTOETNOGRÁFICO

Dentro do vasto leque de opções que o pesquisador dispõe para desenvolver a pesquisa, encontra-se a autoetnografia enquanto segmento da etnografia. A “[...] palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve)” (SANTOS, 2017, p. 218). A autoetnografia considera a experiência pessoal do autor/pesquisador como elemento fundamental da pesquisa através da recomposição de sua memória, resgatando as suas percepções acerca do objeto de estudo e do contexto social, político e cultural em que está inserido e aprecia a aproximação do pesquisador com os outros sujeitos.

[...] o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.) (SANTOS, 2017, p. 219)

A autoetnografia permite fazer uma autobiografia do pesquisador sem perder o caráter científico, valorizando a cultura e a identidade do grupo ao qual pertence, fornecendo dessa forma detalhes muito particulares como meio de comunicar uma visão ou fazer uma crítica sobre a realidade, uma vez que não poderiam ser percebidos se fossem descritos sob a ótica de outro sujeito que não pertence àquele lugar. Através da autoetnografia é possível fazer “[...] uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.” (SANTOS, 2017, p. 221).

Entretanto, a incorporação das experiências pessoais e memórias do pesquisador em trabalhos acadêmicos ainda é algo pouco difundido na academia, visto que há resistências quanto a confiabilidade do uso deste gênero, pois o pesquisador pode cair no erro da generalização, haja vista que parte da experiência do mesmo. Porém, apesar de sabermos “[...] que a memória é falível, que é impossível lembrar ou informar sobre eventos numa linguagem que represente exatamente como esses eventos foram vividos e sentidos [...]” (SANTOS, 2017, p. 229), é necessário reconhecer a legitimidade da autoetnografia como forma de conhecimento, na medida que

[...] essa técnica reconhece a necessidade de se compreender “como e por que” as identidades tornam-se importantes, bem como “inclui e interroga” as experiências ligadas às diferenças socioculturais. Nesse sentido, a autoetnografia se mostra como uma abordagem que reconhece e envolve a subjetividade, a emotividade e a perspectiva do pesquisador sobre a investigação. Além disso, ela ajuda a ampliar o entendimento das principais questões investigadas (questão racial e estudos de gênero, por exemplo), evitando as definições rígidas, e tornando, dessa forma, a pesquisa mais significativa (pensando no fator analítico/ interpretativo e na dimensão *insider* do pesquisador em relação ao tema e campo de investigação) e útil (a partir do fator transformativo quando observamos o aspecto político e cultural) (SANTOS, 2017, p. 224).

A autoetnografia procura expor fenômenos culturais vivenciados que são invisibilizados e silenciados como, por exemplo, a questão da opressão social discutida neste trabalho. Apesar de seu envolvimento com questões socioespaciais, culturais e políticas,

a autoetnografia não pretende fornecer uma resposta a todas as preocupações intelectuais, estéticas, emocionais e éticas sobre a pesquisa, pode-se, entretanto, dizer que, ao enxergá-la como um método, um modo de representação da experiência do indivíduo/autor/pesquisador e de seu modo de vida, compreendemos que o “fazer autoetnografia” ou o “ser um autoetnógrafo” exige dos pesquisadores uma atenção primordial para a investigação do “eu” em primeiro plano (suas memórias e experiências), para as preocupações representacionais durante todas as etapas do processo de pesquisa (interações com os “outros” – sujeitos investigados – e temas de pesquisa) e a representação desses processos em relação aos contextos social e cultural (SANTOS, 2017, p.223).

Nesse sentido, Santos (2017) também ressalta que através do método autoetnográfico o pesquisador, através das suas experiências pessoais em escala micro, é capaz de evidenciar algum caso isolado e, ampliá-lo a uma escala macro, uma vez que o problema será analisado dentro de um contexto mais abrangente. “A autoetnografia oferecerá a base para que façamos esse percurso autorreflexivo e analítico sobre as experiências e ações dos sujeitos da pesquisa e ao mesmo tempo dos sujeitos pesquisadores – em relação/interação” (SANTOS, 2017, p. 239). Ao relatar, por exemplo, o desinteresse observado dentre alguns estudantes do EJA, é possível adentrar questões relacionadas às distinções de classe social, ao silenciamento e a exclusão da ralé brasileira (Souza, 2021), posto que são problemas estruturalmente engessados em nossa sociedade.

Na próxima etapa deste trabalho desenvolverei uma narrativa autobiográfica, na qual farei uso de alguns materiais empíricos que compõem o método autoetnográfico como, por exemplo, a introspecção, a memória e a experiência pessoal (Santos, 2017), para descrever toda minha trajetória de vida, em casa, na escola, no trabalho etc., e relacioná-la à base teórica desta monografia.

3. A TRAJETÓRIA DE VIDA DO QUARTO FILHO DE UMA FAMÍLIA DE CLASSE BAIXA DO INTERIOR DO PARÁ

Sou oriundo do município de Trairão, localizado no interior do estado do Pará, às margens da BR-163 (Cuiabá-Santarém), há 895 km de distância da capital Belém em linha reta. Meu pai é pedreiro autônomo atualmente, mas durante sua vida exerceu outras funções, todas relacionadas ao trabalho braçal. Minha mãe é concursada no cargo de servente/cozinheira em uma escola. Assim como milhares de mães da classe baixa, ela se desdobra em outras funções, como: confeitadeira, costureira, vendedora, dona de casa etc., para complementar a renda, pois eventualmente meu pai está desempregado ou não consegue trabalhar devido ao cansaço físico resultante de um trabalho que exige muito do corpo. Ao todo somos cinco filhos, dentre os quais apenas um mora com meus pais atualmente.

Em um período da minha infância, minha mãe trabalhava como costureira em uma malharia e meu pai em uma madeireira, por isso meu irmão mais velho era o encarregado de cuidar dos mais novos, sem a possibilidade de supervisão de um adulto. Diferentemente, na classe média os filhos tem todo o seu dia ocupado com atividades culturais, estudos de outras línguas etc. Enquanto isso, na classe baixa os pais dificilmente podem comprar o tempo livre dos filhos para que estes estudem, muito menos pagar por atividades culturais diversas. Deixar os filhos sozinhos poderia ser interpretado como uma grande irresponsabilidade dos meus pais, mas a necessidade os colocava nessa situação, pois precisavam trabalhar para pôr comida na mesa.

Apesar de trabalhar muito, às vezes minha mãe conseguia tempo para participar da nossa vida escolar – nas séries iniciais – ajudando em exercícios ou fazendo revisão antes das provas. Com o tempo isso foi se perdendo devido seu cansaço e de questões relacionadas a doença de um dos meus irmãos. Na adolescência, um dos meus irmãos foi diagnosticado com uma doença rara chamada Nasoangiofibroma, que só afeta jovens do sexo masculino. Os hospitais de Trairão não tinham estrutura suficiente para recebê-lo. Por isso ele teve que se mudar para Benevides-PA (cidade próxima à capital Belém-PA), onde pôde fazer o tratamento com o suporte de um parente. Ele passou boa parte de sua vida no hospital, internado e sendo submetido a várias cirurgias. Visto que possuíam poucas condições financeiras, meus pais promoviam bingos beneficentes, festas, colocavam barracas de comida eventualmente para arrecadar dinheiro para custear as despesas com ele. Eu, na época, tinha cerca de nove anos de idade e saía sozinho para vender cartelas de bingo pelas ruas, escolas e estabelecimentos da

cidade, para ajudar meu irmão. Diante desse episódio a atenção dos meus pais ficou bastante dividida e a nossa educação foi, de certo modo, esquecida por um tempo.

Diante das dificuldades presentes, meus pais sempre falavam que nós precisávamos demonstrar interesse pelos estudos, pois caso contrário nos tornaríamos trabalhadores manuais desqualificados como eles. A escola era para meus pais a nossa única esperança, ou seja, o que tínhamos de palpável que nos daria a possibilidade de mudança de vida, visto que as suas trajetórias foram marcadas por trabalhos repetitivos e desgastantes devido à falta de acesso à educação na juventude. Minha mãe, por exemplo, começou a trabalhar muito cedo, pois foi criada no campo. Além disso, por volta da década de 1980, o acesso à educação em Trairão era muito difícil, pois as escolas ficavam há quilômetros de distância das casas e muitos pais não queriam que as filhas estudassem. Dessa forma, a única opção que restou para ela foi o trabalho braçal, pois estudou até a 4ª série. Somente depois de muitos anos, pressionada pelo regimento da prefeitura em que trabalhava, que exige no mínimo o ensino médio completo no currículo, minha mãe concluiu o ensino fundamental e médio através de uma instituição privada voltada para o público mais velho³.

Todos os dias minha mãe levanta às 5:30 da madrugada para deixar o almoço pronto e fazer alguns afazeres domésticos, pois entra no trabalho às 7:00 horas da manhã. A escola onde minha mãe trabalha é muito grande e o trabalho é repetitivo⁴. Além disso, é obrigada a ocupar duas funções, que são: fazer a merenda escolar e cuidar da manutenção do local. Esta é, na prática, uma forma de humilhação social, pois o salário continua o mesmo e os trabalhadores não podem reivindicar esse direito porque são silenciados. “Como a necessidade moral precisa ser articulada e refletida para se tornar um móvel consciente do nosso comportamento, todas as forças sociais responsáveis pela opressão e a exploração vão procurar impedir a articulação das demandas morais que existem em semente em toda sociedade” (SOUZA, 2021, p. 52).

O trabalho tem causado à minha mãe muitos danos à sua saúde, pois adquiriu problemas na coluna e em suas articulações. Dessa forma, em um futuro muito próximo ela provavelmente não conseguirá mais trabalhar. O que prende ela ao trabalho é a segurança de ser concursada. O salário mínimo que recebe é pouco mas ajuda bastante.

³ Modalidade de ensino que permite cursar os três anos do ensino médio em um período de um ano e seis meses. Na época as aulas eram ministradas à noite, pois a maior parte dos alunos eram pais e mães de famílias que trabalhavam durante o dia. Todas as noites eu acompanhava minha mãe para ajudá-la com as atividades, principalmente matemática, pois os conteúdos trabalhados eram os mesmos que eu estava estudando.

⁴ Na minha infância, por volta dos 11 anos de idade, eu ajudava minha mãe no trabalho braçal, pois a escola era muito grande e só havia ela e mais outra pessoa para lavar, varrer e passar pano nas salas todos os dias.

O caso do meu pai se assemelha ao da minha mãe, uma vez que já se encontra em idade avançada (61 anos) e ainda precisa trabalhar, mas o seu corpo está cansado e danificado, resultado de décadas de trabalho manual que exige a força e a exposição ao sol. Meu pai me levava para seu trabalho quando mais novo⁵, bem como meus irmãos. Na verdade, a maioria das vezes eram meus irmãos quem o acompanhava, pois preferia ficar em casa ajudando minha mãe nos afazeres domésticos. Mesmo assim meu pai ainda me transmitiu muitos conhecimentos relacionadas ao seu ofício. É importante ressaltar também que eu e meus irmão reproduzíamos boa parte das práticas da profissão de pedreiro nos momentos recreativos no espaçoso quintal da nossa casa, onde brincávamos com os instrumentos de trabalho do meu pai. Nesse sentido, entende-se que

[...] os valores reproduzidos nessa classe são quase todos “negativos”. Mesmo nas famílias mais estruturadas, com pais amorosos, o filho brinca com o carrinho de mão de servente de pedreiro do pai e, como também ama o pai, aprende a ser trabalhador manual desqualificado brincando. Quando a mãe lhe diz para ir à escola precária dos negros e dos pobres, avisando que esse é o único caminho para sair da pobreza, como ele pode acreditar, se a escola da mãe apenas a tornou uma analfabeta funcional – como tantos outros dessa classe social brasileira?” (SOUZA, 2021, p. 21).

Apesar de também cumprir algumas obrigações, sou uma exceção dentro da minha classe, visto que grande parcela de jovens de classe baixa são obrigados a trabalhar precocemente e não há possibilidade de escolha entre estudar ou não. Dessa maneira, percebi muito cedo que não queria me tornar pedreiro como meu pai, nem servente como minha mãe, e para isso precisaria me dedicar aos estudos. Mesmo sendo pobres, meus pais conseguiram garantir meu tempo livre para que eu pudesse estudar, um esforço que eles não podiam fazer pelos cinco filhos, e que nem todas as famílias pobres conseguem.

Nem sempre meus pais podiam me dar o que eu queria, pois tudo tinha que ser dividido com meus irmãos. Dessa forma, aos 14 anos de idade comecei a trabalhar em um mercadinho próximo a minha casa no período de férias, de segunda à sábado, das 8:00 às 20:00, no qual desempenhava diversas funções, como: limpeza, reposição, empacotador, dentre outras. Neste mercadinho ganhei cerca de 300 reais. Porém, o trabalho braçal me resultou em complicações na coluna e gastei todo o dinheiro que recebi em consultas. Na Classe média, os pais jamais permitiriam que o filho trabalhasse, pois precisa ter sua atenção somente aos estudos. Souza (2021) afirma que na classe baixa os filhos tendem a reproduzir as atividades laborativas dos

⁵ A gente ajudava carregando tijolos ou tábuas, misturando o cimento, etc. Como o lucro já era pouco, para o meu pai era mais viável levar os filhos para lhe ajudarem do que pagar a diária de um ajudante.

pais, pois esta é sua referência social, e, assim, tornam-se trabalhadores braçais desqualificados como eles. No meu caso, o fato de estar trabalhando deixava meus pais orgulhosos, e esse orgulho era exposto pelas inúmeras vezes que falavam: “o trabalho dignifica o homem”.

Em toda a minha vida sempre estudei em escola pública. Neste percurso, tive professores inspiradores que traziam ótimas propostas para sala de aula, e professores que demonstravam pouco ou nenhum interesse com a nossa educação. No ensino médio tive o desprazer de ter aula com um professor que ministrava as disciplinas de filosofia, história e sociologia. Das três disciplinas, ele era formado apenas em história, mas o regulamento o permitia assumir as outras. Sua personalidade era um pouco difícil de lidar, pois o mesmo tratava os alunos com arrogância e prepotência quando tinham alguma dúvida e costumava dar notas muito baixas. Este professor desenvolvia suas aulas da seguinte maneira: entrava na sala, aplicava três ou quatro questões para corrigir depois e em seguida se direcionava à secretaria, nos deixando sozinhos. Essa negligência era vista por alguns alunos como positiva, pois nesse tempo vago podiam passear pelos corredores, ir para a quadra jogar bola ou ir para casa. Entretanto, não tinham a consciência de que estavam sendo prejudicados, uma vez que futuramente precisariam desse conhecimento negligenciado.

Em contrapartida, tive uma professora de língua portuguesa que dava ótimas aulas. A mesma nos estimulava à leitura, à escrita, promovia debates, produção de peças teatrais. Além disso, também fazia o papel de psicóloga, pois quando percebia algum comportamento diferente dos seus alunos, a mesma os levava para a biblioteca e os aconselhava, sem fazer qualquer distinção.

Como aluno sempre fui muito esforçado, fazia os trabalhos, participava na aula e tirava boas notas. Entretanto, tinha dificuldades relacionadas a concentração, visto que facilmente me distraía, principalmente com conversas paralelas em sala de aula, algo que eu fazia muito. Em casa, também havia muitas distrações, como: o som da televisão, a família conversando alto, meu pai serrando madeira com o motosserra, minha mãe usando a batadeira, etc. Dessa forma, não havia um lugar onde eu pudesse me isolar para me concentrar nos estudos. Nesse sentido, as “disposições para o comportamento prático como disciplina, autocontrole, visão prospectiva e capacidade de concentração e de pensamento abstrato não são naturais nem algo a que todos têm acesso. Em sociedades como a brasileira, essas competências são, antes de tudo, verdadeiros privilégios de classe” (SOUZA, 2021, p.18).

Apesar das dificuldades presentes, apenas eu dentre os cinco filhos cheguei ao nível superior, mas isso não ocorreu facilmente. Em primeiro lugar, para fazer o Exame Nacional do

Ensino Médio (ENEM) tive que viajar para Itaituba-PA, há 80 km, pois em Trairão essa prova não é aplicada. Fiz o ENEM nos três anos do ensino médio. No último ano eu zerei a redação, pois durante a prova senti uma ansiedade gigantesca devido ao peso que aquela prova tinha para decidir o meu futuro: ingressar em uma universidade ou trabalhar no serviço braçal como a maioria das pessoas da cidade de Trairão, quando terminam o Ensino Médio? Em segundo lugar, não havia universidades públicas no município de Trairão e minha família tampouco possuía condições financeiras suficientes para custear uma universidade particular mais próxima.

Parecia que não havia mais o que fazer, então arranjei um emprego que pagava em torno de 600 reais. Mas, certo dia encontrei um amigo que comentou sobre o processo seletivo da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) em Santarém-PA (há aproximadamente 380 km), que estava aberto e aceitava nota do ENEM do ano anterior. Imediatamente me inscrevi no curso de geografia, e, depois de alguns dias, meu nome estava na lista dos aprovados. Foi um momento de muita alegria, porém logo surgiram os obstáculos. Como eu iria para Santarém se não tinha parentes para me acolher ou mesmo condições financeiras de morar sozinho? Então lembramos de um homem, que conhecemos nas Santas Missões populares⁶. O mesmo ficou hospedado em nossa casa e simpatizou bastante com minha família. Dessa maneira, como retribuição a nossa receptividade ele ofereceu um lugar em sua casa, caso eu precisasse estudar em Santarém. Em sua casa não precisaria ter despesas com aluguel, energia e comida, apenas com o transporte público, pois a sua casa era distante da universidade.

Após 3 meses alojado em sua casa senti que estava incomodando, pois sua família tinha outros costumes e regras, e eu era um estranho que não pertencia àquele núcleo. Por isso decidi me unir a outros três estudantes que conheci na universidade e que moravam em uma *kitnet* mais próxima da UFOPA. Como não tinha muitas coisas fiz minha mudança de ônibus. Nesse período a UFOPA ainda não havia aberto edital de bolsa, por isso, nos primeiros meses meus pais me ajudaram financeiramente mandando uma vez na semana 100 reais para ajudar nas despesas. Posteriormente consegui a bolsa no valor de 400 reais. Infelizmente foi no período de transição de governo Temer para Bolsonaro. Uma das primeiras medidas do governo Bolsonaro foi o corte na educação, as bolsas que antes eram de 600 reais foram reduzidas a 400 reais, o que ameaçou a permanência dos estudantes na universidade, haja vista que boa parte

⁶ É um evento onde a igreja católica se organiza para promover uma série de práticas voltadas à evangelização da sociedade como: novenas, procissões, adoração etc.

são imigrantes de cidades distantes de Santarém e, por isso, necessitam da bolsa para custear parte das despesas.

Nesse momento aceitei um emprego como vendedor externo de energia solar, onde fazia meu próprio horário, o que teoricamente seria vantajoso para mim. Apesar do horário flexível, passei a me dedicar gradativamente menos à universidade, diminuindo a participação nos eventos, faltando nas aulas etc., em razão do acúmulo de responsabilidades que estava tendo naquele momento.

Atualmente, trabalho em uma loja de celular como vendedor em tempo integral no centro da cidade. Devido a distância de minha casa ao local de trabalho, todos os dias pego o transporte público que vêm superlotado de outros bairros. A tarifa cobrada no ônibus é de quatro reais, mas graças ao passe estudantil pago apenas metade do valor. Na loja onde trabalho desempenho algumas funções, como: venda, organização de estoque, limpeza e divulgação dos produtos. Além disso, levando em consideração o longo percurso da minha casa ao trabalho e o gasto com transporte, escolho almoçar no trabalho. Porém, não é possível tirar as duas horas de almoço, pois sempre tem algum cliente para atender ou outro trabalho a ser feito. Dessa forma, diariamente trabalho dez horas por dia.

Nesse sentido, o tempo disponível que tenho para fazer os trabalhos acadêmicos é apenas aos finais de semana, já que curso Geografia no turno da noite. Nem sempre consigo produzir em razão do cansaço físico e mental resultante de uma longa jornada de trabalho. Dessa maneira, meu tempo livre é prioritariamente destinado ao descanso de meu corpo para trabalhar cedo no dia seguinte. Na reta final do curso precisei adentrar madrugadas para conseguir produzir meu TCC e a consequência da perda do sono diminui meu rendimento no trabalho, ou seja, é um ciclo que exige muito de mim, ao contrário da classe média que compra o tempo livre dos filhos. Desse modo, entende-se que o pobre precisa triplicar o esforço para acompanhar o filho da classe média.

Perante o exposto, ressalta-se o papel das políticas públicas diante de um contexto social moldado para prender a classe pobre a um ciclo marcado pela desigualdade social e a exploração. É certo que através das políticas públicas pude ingressar no ensino superior gratuitamente, mas, dentre meus familiares fui o único. Isso sinaliza que esse ciclo está longe de se encerrar, pois mais políticas públicas precisam ser criadas como meio e garantia à cidadania, para todas as minorias excluídas, além de mais investimentos na educação e profissionais empenhados a trazer boas propostas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que fora apresentado, compreende-se que o fenômeno do desinteresse, identificado predominantemente nas classes baixas, é reflexo da condição social em que as camadas mais pobres da sociedade são submetidas. O não interesse pelos estudos é uma das etapas iniciais da reprodução da classe pobre, visto que mais tarde o indivíduo se tornará um trabalhador manual desqualificado. Nesse sentido, a divisão de classes pressupõe a separação entre grupos superiores e inferiores, baseada na separação entre corpo e mente. Além disso, estruturalmente a sociedade é modelada para culpabilizar o pobre pela própria miséria, o abandono e a exclusão, por meio da narrativa da meritocracia.

Neste trabalho também foi possível perceber o papel das políticas no resgate e inclusão das classes pobres. A criação das universidades públicas e a utilização do sistema de cotas raciais e sociais tem permitido que estudantes de classe baixa tenham o direito a qualificação profissional, essencial no mundo do trabalho. Dessa forma, em complemento a isso acrescentei ao trabalho a minha trajetória de vida, enquanto jovem negro de classe baixa, que teve a vida transformada pelas políticas públicas.

Visto que muitos profissionais da educação falham ao ignorar os alunos “desinteressados”, priorizando apenas uma fração, é necessário melhorar a qualidade da formação de professores para que os mesmos possam estar melhor preparados para conduzir o processo de ensino e aprendizagem abrangendo todos os grupos, sem qualquer distinção.

Em suma, é necessário que haja mais pesquisas no campo das ciências sociais voltadas a essa temática, a fim de contribuir para a melhoria do ensino e para a ampliação e valorização das políticas públicas, uma vez que são o melhor caminho para amenizar as desigualdades sociais, aumentar a autoestima da classe baixa e romper a falácia da meritocracia que esconde o sofrimento e a exclusão da classe pobre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHAUI, Marilena. **Sobre a violência**. Minas Gerais: Grupo Autêntica, 2017. *E-book*. ISBN 9788551300855. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551300855/>. Acesso em: 09 mai. 2023.

ERNY, Pierre. **Etnologia da Educação**. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1982.

LUKESI, Cipriano Carlos. Tendências Pedagógicas na prática escolar. In: _____. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

APÊNDICE A – Eu com apenas três anos de idade sob a companhia dos meus irmãos mais velhos



Fonte: Álbum de família.

APENDICE B – Apresentações em atividade culturais em minha antiga na escola



Fonte: Álbum de família.

APENDICE C – Vanuza Guilherme, minha mãe



Fonte: Álbum de família.

APENDICE D - Registros de uma visita no sítio onde meu avô trabalhava, localizado a 6 km de distância da cidade às margens da BR-163. Na época o único meio de transporte que meus pais tinham era a bicicleta.



Fonte: Álbum de família.

APENDICE E – Os cinco irmãos reunidos na casa do meu avô



Fonte: Álbum de família.

APENDICE F – Eu e meus familiares às margens da BR-163 esperando carona



Fonte: Álbum de família.

APENDICE G – Eu e meu avô, José Acelino, andando a cavalo no sítio

Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE H – Apresentação de um trabalho de ciências na 4ª série

Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE I – Sala de aula da minha antiga escola.



Fonte: Tânia Onetta.

APÊNDICE J – Minha mãe se preparando para o seu casamento



Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE K – Registro dos meus primeiros passos

Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE L – Nossa primeira casa que foi construída pelo meu pai com apenas um cômodo e o chão no contrapiso



Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE M – Eu fantasiado de saci pererê com o corpo coberto de tinta guache no desfile de 7 de setembro.



Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE N – Participação em um evento escolar na véspera de natal em 2009



Fonte: Álbum de família.

APÊNDICE O – Município de Trairão-PA atualmente



Fonte: Autoria própria.